

MANCHETE - 29.06.74

CEDI
1.777
514175

EXCLUSIVO

6 TIROLESEES NO XINGU

Texto e fotos de Hannes Gasser

Sáimos do Rio às 5 da manhã e nosso grupo não era grande nem pequeno, mas o suficiente para uma boa aventura: o Padre Franz, Otto Lorenz, Werner Haim, Sepp Nalter, Erich Fabris e eu. Fomos de kombi até o Campo dos Afonsos, onde apresentamos nossos passaportes e um militar nos levou até o avião. Devíamos esse arranjo a Iolanda, filha de um general. Foi uma sorte termos apanhado esse voo até o Xingu.

Logo que o dia despontou, tomamos lugar no aparelho com nossas mochilas e equipamento fotográfico. Tínhamos a companhia de 35 soldados que iam realizar um exercício de sobrevivência na selva. O nariz do avião levantou, as rodas deixaram de rodar na pista e estávamos no ar. Embaixo de nós, uma enorme bola de fogo aparecia: era o Sol no horizonte.

INICIÁVAMOS a terceira expedição do grupo tirolês (Tiroler Brazilian 74) rumo ao Xingu, em Mato Grosso. Tínhamos pela frente 2.500 quilômetros de voo. O avião era um Buffalo n.º 51, seguro, roncador, fiel. Fizemos uma escala em Brasília e logo decolamos rumo à floresta, ao inferno verde. Depois de oito horas de voo, o avião desceu no meio das matas e dos rios, numa pequena pista de pouso. Havíamos chegado ao Xingu.

Esperamos por um outro aparelho e voamos cerca de 20 minutos em direção ao Posto Leonardo Vilas Boas, onde pela primeira vez encontramos índios da tribo laualapiti. Tiramos a bagagem do pequeno bimotor que nos trouxera e ocupamos um jipe que foi colocado à nossa disposição. O calor começava a ficar insuportável. Reparamos que os índios, à nossa volta, estavam todos pintados de vermelho, graças à tinta extraída de uma planta, a urucu. Esta maquiagem protege o corpo deles contra os insetos e mosquitos.

Estamos agora num lugar chamado Campo, ao lado do rio Tuatuari. Temos em volta umas 15 casas de tijolo e telhas, pintadas de azul e vermelho.

É uma estação sanitária. Na casa de Vilas Boas e na estação central há antenas de rádio, única ligação com o mundo exterior. O delegado da Funai, que é o chefe daquele posto, chama-se Sídney Posuelo e vive há 12 anos na floresta. A Funai é o órgão oficial que protege os índios. A primeira noite que passamos na região foi confortável: o cansaço e o apego da floresta facilitaram o nosso sono.

Armados com nossas malas de material fotográfico e mais alguns apetrechos, guiados por cicerones indígenas, iniciamos o nosso novo dia. O Sol já iluminava o chão áspero que pisávamos. Depois de uma marcha de 12 quilômetros, no meio da floresta apareceu uma pequena clareira, onde havia sete grandes cabanas: era a aldeia dos Camaiurás. Completamente nus, os índios correram em nossa direção. É sábado, dia de festa na tribo: flautas, tambores, danças, com os corpos berrantemente pintados de todas as cores, eles cultuam seus deuses e tradições. Ao cair da tarde, fomos até um rio, o Pagau, onde pudemos mergulhar para um merecido (e necessário) banho. Avisaram-nos que não devíamos ir muito

longe das margens, pois ali existem aranhas e cobras-venenosíssimas. Apesar do perigo, foi um dos lugares mais bonitos que já vi em minha vida.

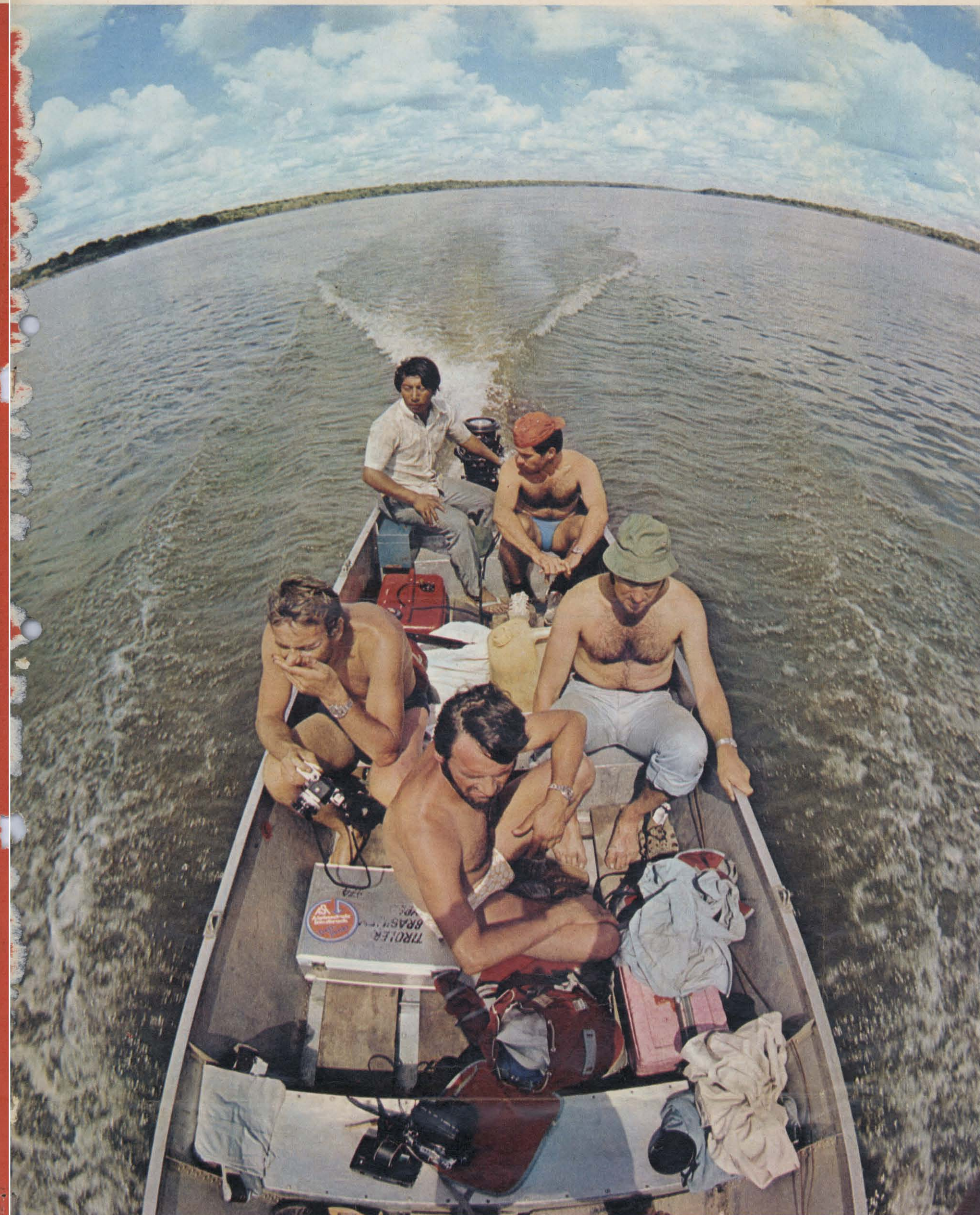
O sol estava muito forte e ficamos sentados na cabana do chefe. Compreendemos que o líder dos índios não é um ditador, mas um conselheiro: ele não dá ordens, apenas sugere soluções. Tem experiência para isso e sua chefia é proveniente desse conhecimento da vida.

À noite, estávamos de regresso ao Posto Leonardo Vilas Boas. O céu estrelado cobria toda a floresta de 28 mil quilômetros quadrados. O Xingu é a metade da área total da Áustria.

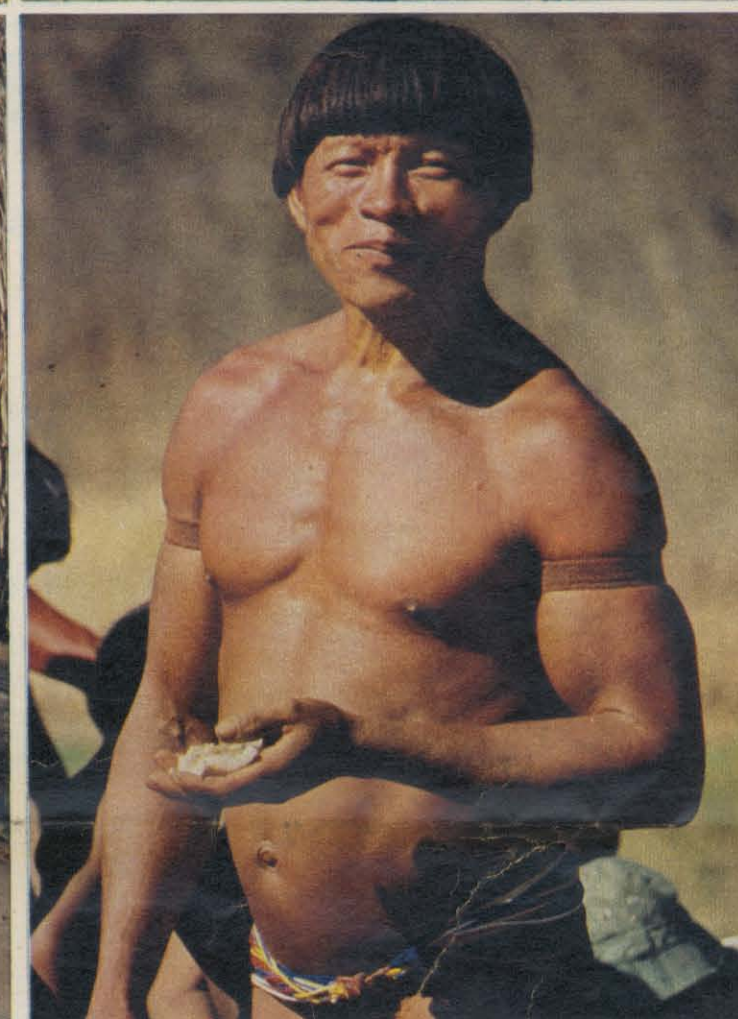
No dia seguinte, fomos visitar duas novas tribos, próximas ao posto onde estávamos acampados. A caminhada era curta. Quando lá chegamos, verificamos que os índios já tinham tido contato com a civilização, pois alguns usavam calças e camisas. Repetindo o que fizéramos no dia anterior, fomos até o rio e nos banhamos junto com os índios. Eram da tribo laualapiti. Em nossa homenagem, dois guerreiros exibiram-se numa luta corporal elástica e violenta.

SEGUIMOS adiante, em breve caminhada, em direção a outra tribo. Devido ao calor (45° a sombra), nosso rendimento tornou-se lastimável. Levamos horas para vencer um quilômetro. Até que encontramos o acampamento da tribo Txicão. São índios que também já tiveram contato com o branco. Pequenos e franzinos, receberam-nos com suas danças, mas estávamos muito cansados para apreciar seus rituais. A noite tropical desceu sobre a floresta e nos deitamos banhados de suor.

SEQUE



Em pleno Xingu, o barco da expedição tiroleza: Erich Fabris, Sepp Nalter, Werner Haim, o Cap. Faria e o guia índio.



No alto, à esquerda, um guerreiro da tribo Camaiurá e, à direita, o cacique da tribo Iaualapiti. Acima, à esquerda, um guerreiro juruna preparado para uma festa. A direita, um índio vaurá com um pedaço de mandioca de sua plantação. Todos são da região do Xingu.

Uma mãe Txucarramãe com o filho. A pintura de seu corpo é permanente, pois sendo mulher deve estar sempre enfeitada para seu esposo. As crianças são adornadas desde o nascimento, pois também tomam parte em alguns rituais religiosos e festivos da tribo.

O culto aos mortos é um dos elos mais fortes que mantêm os índios da Região do Xingu presos à sua cultura pré-colombiana

A MANHÃ precisaríamos caminhar 40 quilômetros até alcançar a tribo Vaurá. Pela madrugada, à luz de velas fizemos a nossa refeição matinal. Uma fatia de pão, um copo de café, um pouco de marmelada. Os dois guias da tribo Vaurá já esperavam por nós. Com mochilas, apetrechos e mantimentos para dois dias de viagem, lá fomos nós, guiados por Kapatu e Lipatau, os dois índios que conheciam o caminho. Marchamos sob o sol intenso. Penetramos na floresta densa, com árvores gigantes, cobertas de cipós fantasmagóricos. Pouco depois, a mata se fechou, mas o calor e a umidade continuavam fortes, insuportáveis. A nossa velocidade de marcha diminuiu devido aos atoleiros. Começamos a vencer a lama que nos chegava aos joelhos, depois à barriga, e finalmente, ao peito. Durante horas arrastamos-nos pelo lodaçal que parecia não ter fim. Saltamos de cipó em cipó, como nos filmes de Tarzã. Estávamos cobertos de suor, com os olhos queimados pelo sol inclemente. A floresta era brutal. De repente um ruído: o Padre Franz tinha caído num buraco.

Somente então compreendemos a importância dos índios como guias. Para nós, todos os caminhos e trilhas eram iguais. Se andássemos por conta própria, fatalmente ficaríamos presos nas malhas da floresta. Qualquer indecisão é o fim que pode chegar para cada um de nós ou para todos.

Finalmente saímos da zona do atoleiro. Kapatu fez um gesto que significava a proximidade de água potável. Realmente, logo depois encontramos um pequenino riacho, de águas cristalinas e frias. Bebemos e bebemos, até estourar. Comemos pão com queijo, mas o guia apressou-nos: tínhamos muito que andar ainda.

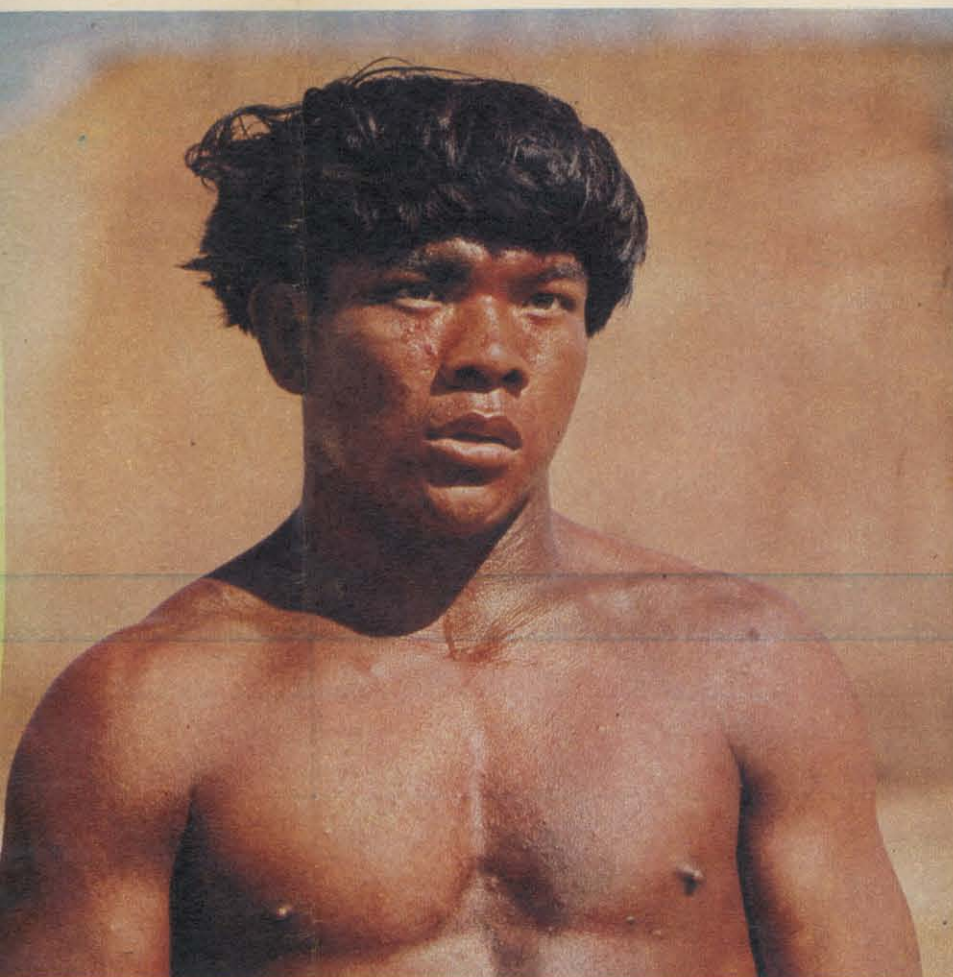
SEGUIE



Dois crianças da tribo Camaiurá, localizada nas proximidades do rio Pagau. Desde cedo elas são exímias nadadoras.



No alto, à esquerda, mãe camaiurá com seu filho, após o banho no rio. À direita, mãe e filho à saída de uma maloca. Acima, ritual religioso iaualapiti.



O índio Kapatu, da tribo Camaiurá, vencedor de uma luta realizada em homenagem aos visitantes do Tiroler. Brazilian. 74.

O silêncio da floresta era interrompido apenas pelas aranhas e papagaios. Kapatu mostrou-nos, entre duas árvores, um ninho cheio de pássaros coloridos.

Nossos pés começavam a doer e procurávamos um lugar onde pudessemos fazer uma parada. A carga pesava em nossos ombros. As árvores ficavam cada vez mais gigantescas. Aqui e ali plantas exóticas e selvagens, mas não havia tempo para fazer fotos. A palavra de ordem era marchar, marchar duramente, antes que a noite caísse. Olhamos para cima e vimos um bando de macacos pulando alegremente. O guia avisou-nos que eram bichos muito bons para serem comidos, mas não tínhamos armas para matar nenhum deles. Depois de uns 30 quilômetros de marcha penosa, avistamos uma clareira e a trilha na floresta começou a ficar mais larga. Atingiamos o território de caça dos Vaurá — isso significava que estávamos nos aproximando do acampamento deles. Ananases e mandiocas cresciam pelos lados. Caminhamos ainda por uma hora até que divisamos o telhado de suas choças. Chegamos derrotados, famintos e sedentos. Várias crianças apareceram. Logo surgiram os adultos. Fomos bem recebidos. Começamos a presentear os índios com facas, pentes e sinos que levávamos. O chefe convidou-nos à sua tenda, de 30 metros de comprimento por 15 de largura. Na realidade, era apenas um dormitório, cheio de redes, que abrigava a parte mais adulta da tribo. Pelo chão, muitos aparelhos de barro, cuja confecção é uma das especialidades dos Vaurá. Fizemos sentir ao chefe que gostaríamos de tomar um banho no rio e ele consentiu. Mas recomendou que voltássemos à hora do pôr do Sol, para comemorar a festa dos mortos. Seguimos seus conselhos e estávamos a postos quando o ritual come-

DURANTE a noite, cai da rede e quase machuquei um companheiro. A temperatura de 45° durante o dia, cai à noite para 10°. Sai da cabana e fui para perto do fogo, aquecer-me um pouco, até que outros companheiros também vieram, forçados pelos mesmos motivos: mosquitos e frio. Lá fora, no horizonte, o dia já ameaçava nascer. Na aldeia dos índios a vida recomeçava. Mulheres e crianças já estavam indo para o rio, apanhar água. Os homens saíam para caçar.

Recebemos a visita do chefe e com ele trocamos nossos presentes.



Mãe e filho ficam na aldeia enquanto o homem vai pescar ou caçar. Na tribo Txucarramãe a tradição é a única lei.

Os de sempre: facas, sinos, lanternas etc. Houve despedidas, acenos de mão e lá seguimos, outra vez, rumo ao Leste, enfrentando o enorme sol que pulará do horizonte e castigava a selva. O calor estava tão forte que, duas horas depois, já mal podíamos caminhar. Sentiamos-nos derrotados. Para isso contribuía a noite mal dormida e o estado lastimável de nossos pés, cheio de bolhas e calos. No primeiro córrego que encontramos forçamos uma parada-extra, a fim de descansarmos e comermos um pouco de queijo com pão. Jazíamos como moscas mortas, sem coragem para enfrentar o desafio da floresta que tínhamos pela frente.

Nossas forças estavam vencidas pela fome, pela sede. O calor, a lama, os mosquitos — estávamos vencidos. Mas tínhamos de continuar. Marchamos sob duras penas durante nove horas, até encontramos a bifurcação que já conhecíamos e que dias antes nos havia levado aos Vaurá. Escolhemos o outro lado da trilha e andamos mais uns 30 minutos. Estávamos tão cansados que não agüentamos andar as três horas que nos separavam do Posto Leonardo Vilas Boas. Preferimos ir tomar banho no rio, nas proximidades da aldeia dos Camaiurá. O chefe Takuma recebeu-nos amavelmente e prometeu-nos frutas e comida. O banho foi uma salvação. Ficamos deitados dentro da água como se estivéssemos mortos — e quem diria que não estávamos? Camisas, calças, tudo estava totalmente sujo. Nossos amigos índios foram muito gentis e lavaram nossas roupas, que em menos de uma hora estavam secas novamente. Depois seguimos para a tenda do chefe, onde comemos batata-doce, peixe e bebemos água fresca. Devido ao estado de Padre Franz, pedimos ao chefe que ficasse com o nosso companheiro e reco-

meçamos o caminho, ao pôr do Sol. A noite baixou como por encanto e andamos 10 horas pela floresta, até que avistamos as luzes do posto da Funai. Caímos em nossas camas como mortos e dormimos pesadamente o mais que pudemos.

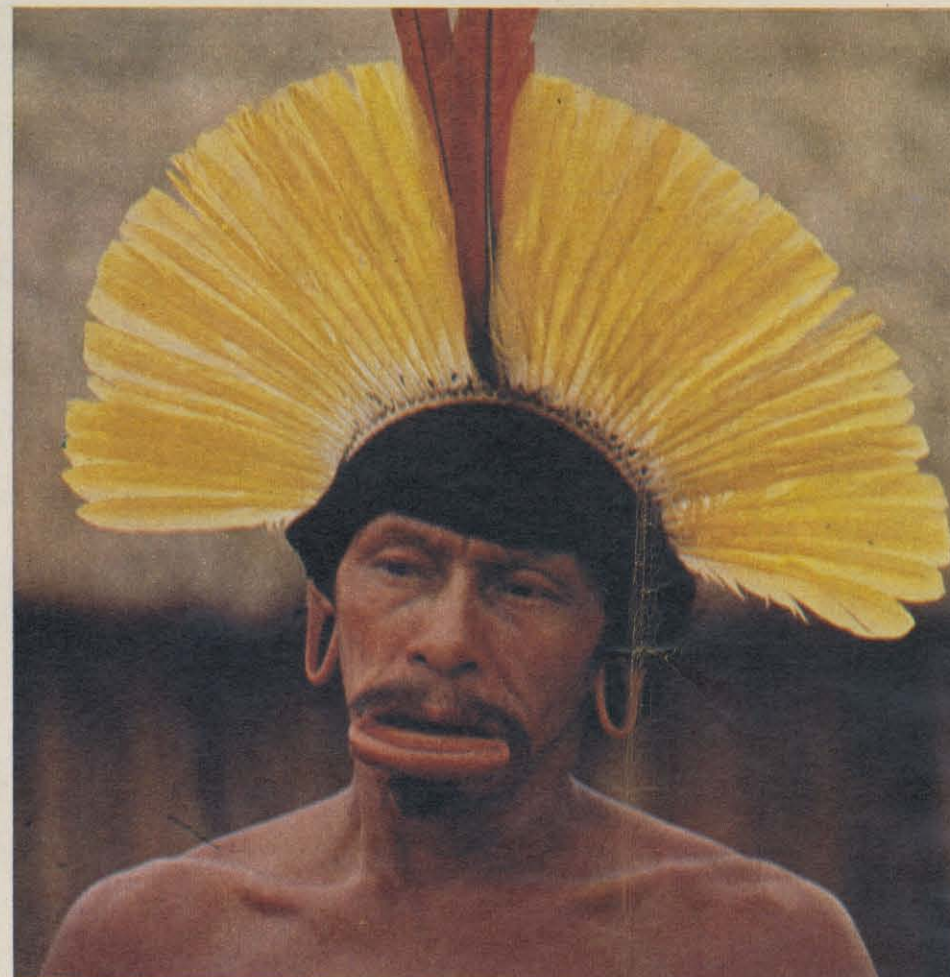
VENCÊRAMOS mais uma etapa. Mas faltavam outras. Quase todos os acampamentos na periferia do posto já haviam sido visitados mas desejávamos conhecer o Posto Diauarum. A distância era grande: 90 quilômetros. Precisávamos de muita cautela e de ótimos guias. Havia um barco a motor, mas sem gasolina. De canoa levaríamos oito dias, rio abaixo, e mais nove, de retorno. E tínhamos um prazo para a volta, pois o avião da FAB viria nos apanhar numa data previamente marcada. Não podíamos desperdiçar os dias. Tudo tinha de ser matematicamente calculado. Talvez houvesse a oportunidade para se arranjar um táxi-aéreo, mas era apenas uma hipótese. Enquanto pensávamos, tratávamos de pescar, a fim de melhorar a comida, que era basicamente arroz com feijão e feijão com arroz, para variar. Iamos pelo rio, guiados pelos índios, e de metro em metro apresentavam-se centenas de encruzilhadas. É fantástico o senso de direção dos indígenas, que nunca se perdem naqueles atalhos que formam um estranho e complexo labirinto. O sol caía com toda a força sobre nossa cabeça e corpo e naquele emaranhado de rios pouca coisa conseguimos pescar. Voltamos desanimados e, para nosso azar, o jantar de um dia tão trabalhoso foi uma das variantes do cardápio de sempre: arroz com feijão. Como acompanhamento: água e mais água. Encharquei-me. E nunca fui amante de água, a não ser para tomar banho.

O dia seguinte era decisivo para a expedição: esperávamos um avião



Acima, camaiú.

dois lutadores da Huka-Huka da tribo Iaualapiti. Embaixo, tocadores de flauta dos rás. Os instrumentos são exclusivos dos homens: as mulheres não podem tocá-los.



Um juruna preparado para uma festa. O colorido das penas é obtido de plantas da floresta e possui os mais variados matizes.

que deveria trazer gasolina ou levar um de nós para outro posto, a fim de apanhar combustível. Esperamos ansiosamente pelo ruído do motor. Tudo fora cuidadosamente planejado, mas sempre é necessário um pouco de sorte para se sair bem de uma aventura. O céu estava abafado, o calor alagava nossos corpos de suor. Súbito, um índio começou a gritar: **avião! avião!** Dois aparelhos se aproximavam. Seria a salvação? Os pilotos logo nos avisaram que era uma temeridade ir até o Posto Diauarum, pois os índios estavam alvo-rodados e podiam engrossar pra cima da expedição. Mas já estávamos acostumados a ouvir coisas chocantes a respeito dos indígenas. Insistimos. Um dos aviões deveria voar para São Félix, pois precisávamos de 200 litros de gasolina para voltarmos de Diauarum. Caso contrário, perderíamos o avião que nos traria de volta ao Rio de Janeiro.

O Padre Franz não podia nos acompanhar. Fomos Otto, o Capitão Faria, Werner, Erich e eu, num total de 300 quilos, no pequeno Piper de dois motores. Quando o aparelho alçou voo, levantou-se debaixo de nós a selva imensa, com lagoas, pântanos e um rio que parecia uma gigantesca serpente: era o Xingu. Chegamos ao cair da tarde e ali ficamos Werner, Erich e eu. Otto e o Capitão Faria seguiram para arranjar gasolina em São Félix. O Posto Diauarum é muito bonito, colado ao rio. Foi ali que os Vilas Boas levaram quase 20 anos para cobrir os 90 quilômetros que separam o posto da Funai daquele ponto avançado. Estivemos com Cláudio, um dos Vilas Boas, que nos contou coisas interessantes a respeito dos índios. Disse ele que não existe uma aproximação com a civilização, mas uma confrontação. Conversamos também sobre as estradas que se constroem na selva e

suas consequências sobre os habitantes da região.

O avião retornou com nossos companheiros e vários galões plásticos com gasolina. Navegamos novamente, todos juntos, e breve atingimos a aldeia dos Txucarramãe. Os índios ouviram o ruído do motor de nossa canoa e vieram para as margens. Eram mulheres e jovens, raríssimos os adultos. A aldeia estava vazia de homens. Tememos que houvesse algum problema, pois não pareciam muito amistosos. Foi nela que encontramos, pela primeira vez, os famosos Txucarramãe. As crianças eram as mais lindas que já vi. De repente, duas mulheres de peitos caídos e pintadas da cabeça aos pés rolaram no chão, numa briga incompreensível para nós. Aproveitamos a confusão para estabelecer contato. Comemos mamão e banana. No dia seguinte, deixamos o acampamento dos Txucarramãe em direção aos Juruna.

UMA tribo pequena, de seis tendas, muito afastada e isolada. Mais tarde, voltamos ao Posto Diauarum e de lá seguimos para o Leonardo. Viajamos pelo rio, cujo tamanho é incalculável. Água e mais água e, nas margens, a imensa floresta, o verdadeiro inferno verde. Atingimos o posto da Funai e preparamos-nos para passar a nossa última noite na floresta. Uma certa nostalgia tomou conta de nossa alma. Ganhamos, como presente, aquela bola de fogo que caiu no horizonte, no último por do Sol que tivemos no Xingu. Arrumamos nossas coisas, estávamos cheios de flechas e vasilhas de barro, boas recordações de nossos amigos índios. O avião decolou, a floresta nasceu novamente sob nossos pés. Os índios lá ficaram, olhando o céu que tragava os homens brancos. E nós voltávamos à civilização, com um gosto de terra, de sol e de saudade na boca.